ANO 2.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 2 DE MARÇO DE 1923 N.º 583

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 45
Impressão: Rua do Mundo, 116

ESTA manhã, já estavam os jornais a fechar, veiu do Brasil a noticia da morte de Ruy Barbosa.

O Brasil—fica de luto. Nenhuma lei, nenhum politico, nenhum sabio, nenhum artista—nenhum homem!—traria ao país, mais fecundo de inteligencia de além Atlantico, um luto tão pesado.

Ruy Barbosa era a propria alma brasileira, feita de ansiedade de direito—restos da revolta de escravos—e do sonho aventureiro da perfeição—transmitido pelo sangue lusiada.

A sua perspectiva projectava-se sobre o mundo velho, desde a Conferencia de Haia. Tendo apenas de seu uma biblioteca, sem catalogo, Ruy Barbosa era um dos Senhores do Universo.

Não nos esqueçamos que Ruy Barbosa, pensando, escrevendo, lutando, amando, sofrendo—o fez sempre em português. Tomemos uma parte do luto do Brasil.

* * *

O *Diario de Lisboa* recorda a entrevista que Ruy Barbosa, que foi a boca mais beja que se tem aberto para falar sob o Cruzeiro do Sul, concedeu, muito doente já, a um seu redactor. Recebera o jurisconsulto excelso dias antes o Chefe da Nação Portuguesa. Da conversa entre os dois homens republicanos há na imprensa portuguesa um relato muito bem focado. Seja permitido, pela oportunidade, recortar para aqui uns pedaços da nossa propria conversa com Ruy Barbosa, de cuja pena tremula, religiosamente, o *Diario de Lisboa* conserva o autografo numa dedicatoria ultima. Nunca mais recebeu um jornalista...

* * *

«Ruy Barbosa está estendido num cadeirão grande, acarinhado de almofadas de seda, voltado contra a luz, que vem de uma janela, defendida do sol, agora triunfante. Tinham razão os que me diziam o fogoso parlamentar do Imperio e da Republica em decadente estado fisico: os 73 anos de Ruy Barbosa dão de si. Magro, olhos tristes, adivinha-se contudo naquela face de tela, eu diria que para o pincel mistico de Columbano, o homem voluntarioso que defendeu os escravos. Ha um crucifixo pequeno. Inevitaveis livros, enormes livros...

—Conheço Portugal. Estive duma vez lá três meses. Fugido... A politica! Fui fugido! Em 93. Julgo que por essa ocasião não fui compreendido.

—Os portugueses têm pelo nome de v. ex.ª uma adoração tão grande como a que têm por Guerra Junqueiro. Se v. ex.ª fôr agora a Portugal...

—Confio naquele—e apontou um Cristo—confio em que mais mês menos mês posso ir a Portugal abraçar Guerra Junqueiro, o que levantou o Direito, como João das Regras, á altura da epopeia. Eu sei Guerra Junqueiro de cór. Soube... soube...

—V. ex.ª teve um convite para estar em Portugal algum tempo...

—Sim. Em 1907. Quando foi da Conferencia de Haia. Esteve isso combinado. Chegaram a vir esperar-me. 1907, no ano da Conferencia. Depois...

—V. ex.ª fez muito jornalismo na sua vida publica?

—Posso dizer que não fiz outra cousa. Para a maneira como eu compreendo o jornalismo. Servir as ideias justas. Sobretudo os fracos. Acusaram-me de...

Houve uma pausa cansada. Eu disse:

—Os jornalistas portugueses encontram o nome e o respeito por v. ex.ª em todas as actividades do Brasil. Constatamos que o seu nome está ligado a todas as glorias e a todos os progressos...

Ruy Barbosa, sem atender no que eu dissera, para que ele não falasse só, continuou:

—... Acusaram-me de querer dirigir. O sonho da minha vida nunca foi dirigir. Não foi. O meu sonho foi confiar e servir... Confiar nos mais fortes e servir os mais capazes...

—Depois da guerra, qual a tendencia que v. ex.ª encontra no povos?

—Uma tendencia para o equilibrio. O respeito por todos os direitos... Uma religião que não abastarde a crença.

—V. ex.ª deseja continuar na actividade politica?

—Se Deus permitir. Mas tenho a minha acção terminada. Assinalei o meu destino, fazendo-me inscrever como o mais convicto conservador entre os republicanos. Eu disse uma vez... A republica precisa de ser conservadora, mas conservadora a um tempo contra o radicalismo e contra o despotismo.., Caminhemos no sentido de destruir as utopias revolucionarias e as usurpções administrativas...

E entregando ao jornalista o retrato, que o *Diario de Lisboa* publica abaixo:

—Já hoje não sou isto...

E recostou-se entre os almofadões, sob a mão carinhosa, o sorrisso embalador da senhora que ali lográra conduzir-me.»

* * *

ANDAM em Lisboa, mendigando pão, dois rapazitos atacados de lepra. Todos lhes voltam a cara. A repugnancia mata a piedade. Por mais que agitem a sua desgraça, a desgraça continua a ser-lhes fatal. Ao mesmo tempo que o rosto se lhes desfigura, o estomago comprime-se. E como os governos, descuidosos, nunca tomaram á sério o problema das gafarias, os leprosos vão-se vingando, contaminando o proximo até que chegue a hora de contaminarem os vermes.

* * *

ANDRÉ Brun, espirito sadio, para quem a vida se leva a rir, o que não quere dizer inconsciencia da tristeza, mas seu dominio, acaba de publicar a sua peça *A visinha do lado*, que foi um sucesso de graça.

* * *

PARTE ámanhã para a Africa o ilustre director do nosso colega *A Patria* sr. dr. Nuno Simões. O brilhante jornalista, a quem desejamos uma viagem feliz, teve a gentileza de vir deixar no *Diario de Lisboa* o seu cartão de despedida, deferencia que muito nos obriga.

* * *

A *CIDADE*, esplendido jornal de Coimbra, feito tambem no formato e aspecto do *Diario de Lisboa*, publicou um suplemento referente á tragedia emocionante da rua Ferreira Borges.

* * *

ATRIBUE-SE a alguns deputados da maioria parlamentar o proposito de hostilisar os membros do governo de feição independente.

* * *

REALIZA-SE ámanhã, no Tavares, o grand almoço oferecido ao sr. Carlos Malheiro Dias.

O APELO

Por muito que se possa descrer do éxito pratico, definitivo, da iniciativa, que, num Apêlo escrito á Nação, visa despertar a consciencia nacional, não pode negar-se que esse Apêlo foi premeditado e é realizado em nobres termos, quentes de inspiração e aspiração insofridas.

Evidentemente—basta ler—o manifesto tem a sua declamação, tal qual os programas partidarios. Os seus pontos de vista vagos, como os das proclamações revolucionarias de todas as vontades ainda dentro do casulo idealista, prestam-se a uma analise, que não cabe aqui fazer.

Repetimos o que dissemos ha dias: parece-nos esteril apontar ao país um programa de realizações, que diverge só em forma dos programas politicos, sem ter primeiro estabelecido uma unidade nacional de pensamento em redor de uma ideia colectiva salvadora.

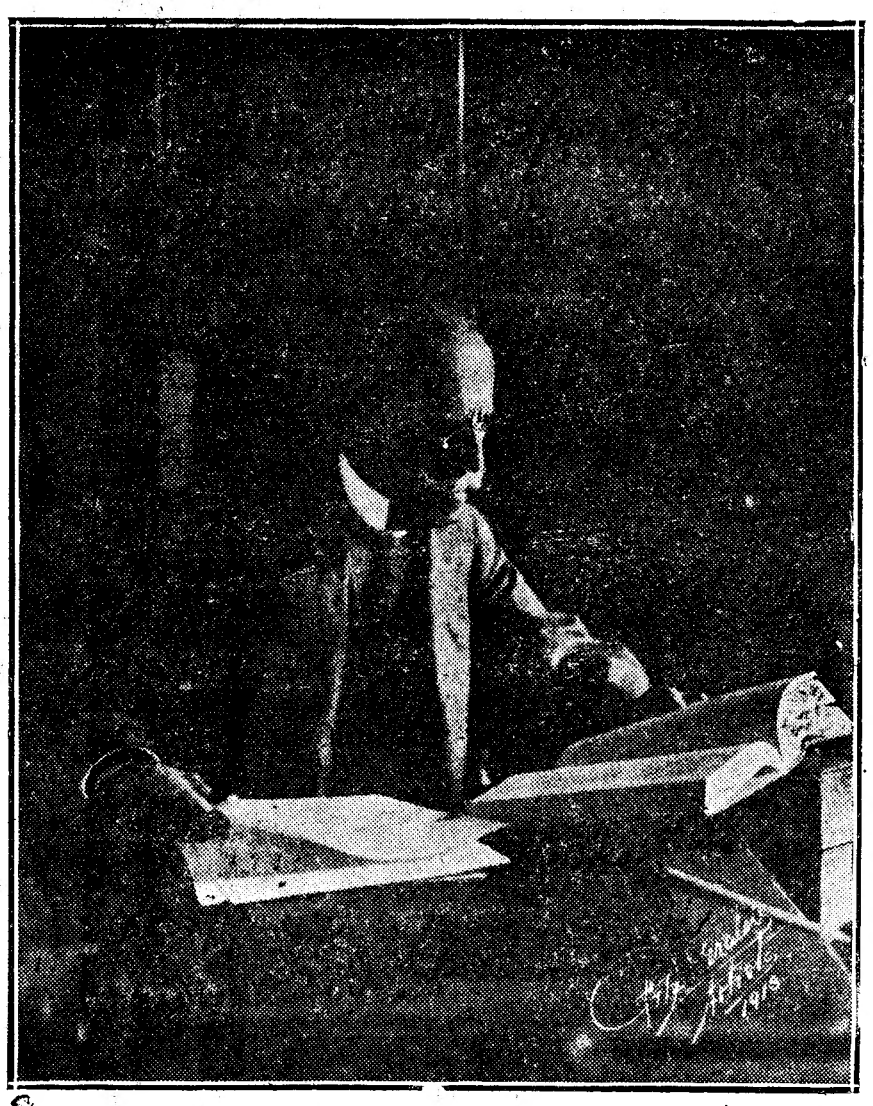
O programa é, pelo menos, politico. E desse «sentido politico» que ninguem negará, hão de resultar dificuldades, hão de surgir controversias. Preferiamos que o programa viesse depois da unidade estabelecida, depois de renovada a consciencia—tão adormecida por fumos maus!

Os oito numeros da primeira parte do programa—«politica geral» estão disseminados já, e até tentados, por partidos e governos, desde os republicanos das três correntes, até aos monarquicos, do passado que viveu, e do presente que aspira.

Mas estas considerações são inoportunas, talvez.

Registando pela leitura em dois jornais, porque á nossa mão não chegou, o aparecimento do manifesto «Apelo á Nação» assinado por tantos nomes, e alguns de uma forte envergadura moral e intelectual, presta o *Diario de Lisboa* á iniciativa o seu apoio de vontade, e reza a sua oração para que ele consiga o mínimo: interessar a alma lassa da Nação, para a qual se apela.—*A*.

O MAIOR BRASILEIRO



RUY BARBOSA
que ontem faleceu no Rio de Janeiro

Pelo "sport"

AO SOM DO «GONG»

Ledoux bate Montreuil

Na passada terça-feira, defrontaram-se no Circo de Paris, o belga Montreuil, campeão da Europa de «minimos» e Charles Ledoux, o conhecidissimo francês, campeão da Europa de «levissimos».

Os adversarios pesavam: Ledoux, 53 quilos 600; Montreuil, 51 quilos 700.

Ledoux abre jogo com uma serie ao corpo. Depois com a esquerda toca o queixo. Montreuil vai a terra por 7 segundos, levanta-se, volta a cair por 9 s... Ergue-se; batalha e termina o «round» com certa facilidade.

2.º «round»—Montreuil coloca um esquerdo, mais uma serie de Ledoux põe-no «knock-down»—7 segundos.

Até ao fim da «réprise» sobejam as pintas.

Os 3.º, 4.º, 5.º e 6.º «rounds» passam-se sem novidade.

Montreuil ataca no inicio da 7.ª réprise. Vai a terra durante 8 segundos, mas desde que se apanha de pé, riposta com um directo.

Ledoux continua a atacar mas dum modo desordenado. Montreuil faz frente á tempestade, apesar de dar sinais de estar em perigo.

O 8.º e 9.º *rounds* anulam-se.

O 10.º começa mal para o belga. Ledoux castiga-o constantemente, embora sem estilo. Ha muitos *corps-à-corps* confusos.

Depois do descanso, durante o qual Montreuil manifestou desejos de abandonar, Ledoux continuou o seu trabalho de destruição.

Totalmente deprimido, o campeão belga encaixa numerosos *swings*, e, durante um *clinch* levanta um braço em sinal de abandono *C'est fini*.

Montreuil não fez um combate emocionante. Charles Ledoux teve a vitoria nas mãos no primeiro *round*, mas não soube aproveitar-se da vantagem, e o belga, recuperando admiravelmente, aguentou-se até ao 11.º *round*, em que abandonou, completamente esgotado.

Ledoux mostrou ter ainda o seu famoso *punch*, mas não possuir grande folego. Fez arrastar um combate que deveria ter terminado mais rapidamente, tanto mais que Montreuil nunca o pôs em perigo.

Antes deste encontro, Mascart, a esperança francesa de *meio-leves*, bateu Bill Haudhy ao 6.º *round*. Bill dominado desde o inicio foi varias vezes a terra na 5.ª e 6.ª réprises, até que os seus segundos atiraram a esponja, em sinal de abandono.

POR CAMPOS E PISTAS

O II «cross» de «Os Sports»

Realiza-se no proximo domingo, ás 11 horas, o II «cross-country» de «Os Sports», que já conta umas dezenas de inscrições.

A chegada efectua-se no campo do Sporting Club de Portugal, onde ás 13.30 se disputam os «matchs» do campeonato de «foot-ball» da segunda divisão.

Os favoritos da prova, que deve ser rijamente disputada, são Albano Martins, Cecilio Costa e Domingos Jorge, valores sobejamente conhecidos em provas desta ordem.

IMPRENSA

A «Gazeta Desportiva»

Recebemos o segundo numero da «Gazeta Desportiva», que vem magnificamente colaborada, sendo de notar as suas secções de «foot-ball» e de «box», que são boas, sem favor.

Valentim Bravo, o caricaturista que tanto se evidenciou na revista «Foot-ball», continúa ilustrando, com finissimo espirito, as paginas da «Gazeta Desportiva».

"A Gata Borralheira,,

Estreia-se hoje no Condes

este interessante «film»

E' no programa de hoje no Condes que figura a aplaudida estreia «A Gata Borralheira», baseada na celebre lenda de Cendrillon, obra-prima de Perrault, que fez o encanto das nossas leituras infantis. Em pleno sucesso continua a exibição dos trez penultimos episodios dos «Olhos do mal», «A casa do terror», «O braço da vingança», e «Sangue de Caim». Muito breve estreia do maior triunfo cinematografico dos ultimos tempos «A Intolerancia», visão historica de todas as tragedias que a intolerancia politica e religiosa tem provocado.

PAPEIS "RIBOLDA"

Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.

OLIVER LIMITADA

Telef. N. 3158 ▪▪▪ RUA DA PRATA, 250, 2.º

DA CIDADE ETERNA

O poeta

Carlos Algernon Swinburne

No *Giornale di Roma* encontrámos, ultimamente, algumas noticias interessantes ácerca do grande poeta inglês Carlos Algernon Swinburne, celebre autor da *Atalanta in Calydon*.

Swinburne, quasi esquecido, tornou agora a estar em voga entre os seus patricios. Em Portugal creio que é pouco conhecido. Daí o julgarmos util registar no *Diario de Lisboa* o sucesso literario postumo de Swinburne e despertar, ao mesmo tempo, entre os leitores desta carta a curiosidade de o apreciarem.

O Tempo encarregar-se-ha de fazer uma escolha inteligente das suas numerosas obras e tambem de assinar ao poeta o logar, que lhe compete, entre os melhores poetas ingleses do seculo XIX. Os compatriotas de Carlos Algernon Swinburne querem agora resgatar o erro que cometeram, preferindo-lhe poetas muito inferiores. A hora do triunfo definitivo parece, pois, aproximar-se para Swinburne—e ainda bem. Pelo que diz respeito aos italianos, estes tributaram-lhe a sua admiração logo de principio, retribuindo-lhe a simpatia que o grande poeta sempre demonstrou pela Italia.

Mas quem era Swinburne? Nasceu em Londres em 1837, mas por mero acaso: seu pai, almirante, costumava passar uma grande parte do ano em Chapheaton, no pitoresco Northumberland, de onde descendia a sua familia, ou em East Dene, na pitoresca ilha de Wight.

O poeta teve, nas interminaveis florestas do Northumberland ou nas agrestes praias do Mar do Norte, uma juventude solitaria, livre e quasi selvagem, revezando as corridas a galope e os desafios de natação com a leitura dos melhores poetas. Dos dose aos dezesete anos Swinburne internado no colegio de Eton; de 1856 a 1860 no *Balliol College* de Oxford, onde se revelou excelente humanista, optimo versificador em grego e latim, e onde, em 1858, venceu o premio Taylor para o estudo do italiano e do francês. Conhecia muito bem a lingua italiana e foi um admirador, estudioso e apaixonado, da literatura italiana, especialmente da *Divina Comedia*.

Abandonando, de repente, os estudos sem conseguir grau algum academico, a sua vida decorreu, de 1860 em diante, no cultivo das Musas, interrompido por longas viagens pelo continente, visitando sobretudo a Italia. Longe da politica, dos cargos, das honrarias, apenas quiz ser poeta. Ninguem mais do que ele se esforçou por demonstrar que a segunda patria dos poetas é a Italia.

O escritor italiano Mario Borsa descreve, no *Giornale d'Italia*, uma entervista que teve, em 1902, com o poeta, na sua modesta casinha de Londres, no suburbio de Putney, perto do Tamisa—e descreve-a nestes sugestivos termos:

«Acolheu-me com aquela confusão pressurosa dos homens que não conhecem as cortezias convencionais. Todas as paredes da sua sala de jantar estão cheias de lembranças do glorioso cenaculo *preraffaellista:* quadros, retratos, desenhos, esboços de Burne Jones, dos Rossetti, de Morris, de Madox Brown. Swinburne é pequeno, subtil, delgado, de hombros estreitos e descaidos. O seu corpo nada vale. Todo o homem está na cabeça: uma bela fronte altissima, vasta e, lateralmente, duas madeixas de cabelos ruivos e brancos; nariz aquilino, queixo saliente na ponta, boca reintrante, barba rara e dois olhos azues, grande, radiosos, ardentes, cheios de brilho juvenil. A sua conversação refere-se toda á Italia. Dos vultos do *Risorgimento* foi até aos dos maiores seculos anteriores. Falou da sua grande amizade a Mazzini, que venerava: «Só depois de reconhecer Mazzini é que comecei a compreender Cristo e os Evangelhos».

Exclamou por ultimo: «Gostava da Italia desde criança. Quando estava na escola, dizia aos meus condiscipulos: oh! porque não sou eu italiano! Eles, porêm, não me sabiam compreender. A Italia foi o grande amor de toda a minha vida!»

Fica feita a apresentação...

Aicrag

MARQUES & SANTOS, L.DA

ALFAIATES-MERCADORES

FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

TOILETTES EM TODOS OS GENEROS

Corte esmerado

Acabamento irrepreensivel

Coletes de fantasia—Artigos para cavalheiro

PREÇOS SEM COMPETENCIA

TELEFONE C. 3699

RUA DO LORETO, 42-1.º

LISBOA

Telefone C. 3033 — End. Tel. «SOURA»

SOUZA, MOURA & C.ª, L.DA

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

▪▪▪▪▪▪ LISBOA ▪▪▪▪▪▪

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras

D. Maria Guilhermina de Mendonça, D. Maria Madalena de Macedo Resende de Oliveira, D. Maria da Conceição de Sousa e Holstein e D. Cristina Quintela.

E os senhores:

Marquez de Gouveia, conde de Armil, D. Nuno Miguel de Almada e Lencastre (Sotto d'El-Rey), D. Francisco da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), dr. Nicolau de Mendonça Falcão do Amaral, Hemiterio Arantes, Antonio Maria de Meyreles, Oscar Blanch e Guilherme Francisco Dias.

Casamentos

Na paroquial Igreja de Nossa Senhora dos Anjos realizou-se o casamento da sr.ª D. Carolina Ramos Violante, gentil filha do sr. Julio David dos Santos Violante e da sr.ª D. Georgina Luisa Emilia Ramos Violante, com o sr. Augusto d'Azevedo Rua, filho do sr. Manuel d'Aquino de Azevedo Rua e da sr.ª D. Luisa Alves Teixeira Rua. Serviram de padrinhos por parte da noiva seus pais e pelo noivo o sr. Antonio de Oliveira Raimundo, e a sr.ª D. Maria Rua Duarte, irmã do noivo. O acto civil, que se realizou em casa dos pais da noiva foi testemunhado da parte da noiva, por seus primos sr. Antonio Francisco das Neves, e sua esposa sr.ª D. Eulalia Loureiro Neves e pelo noivo, o sr. Humberto de Amorim Diniz Lopes, e sua esposa sr.ª D. Judith Pereira Diniz Lopes.

Após a cerimonia religiosa houve, em casa dos pais da noiva, um «lunch». Na «corbeille» da noiva viam-se lindas e valiosas prendas.

«Matinées» elegantes

Como previamos revestiu grande brilhantismo a tarde de ontem no Coliseu dos Recreios, onde se realizou a costumada «matinée» elegante das quintas feiras dedicada pela empresa á nossa primeira sociedade. O aspecto da linda sala de espectaculos era verdadeiramente encantador para o que muito concorreu o grande numero de crianças que com suas familias davam ao ambiente um amoravel conjunto. Na assistencia recorda-nos ter visto entre outras as sr.as:

Condessas de Taboeira e de S. Miguel, D. Joana de Castel-Branco Mendes da Silva, D. Maria da Graça Iglesias Viana Ferreira Roquete, D. Maria da Assunção de Mendonça de Melo Mendes da Silva, D. Ermelinda Bon de Sousa da Mota Marques, D. Matilde Carvalhal Correia Henriques e filhas D. Fernanda e D. Augusta; D. Lucilia Kluft Lopes da Silva, D. Carolina Serzedelo, D. Maria Carolina da Mota Marques Soares Leite, D. Palmira de Navarro Viana Bastos e filha D. Palmira; D. Hebe Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro, D. Filomena Borges Lemarão, mesdemoiselles Cunha e Silva, etc.

Pontos de reunião

No Politeama

Verdadeiramente elegante a noite de ontem neste teatro, onde reaparecia a notavel actriz D. Amelia Rey Colaço, com a primeira representação da peça historica original dos srs. João Correia da Oliveira e Francisco Lage «A Ribeyrinha». O teatro que estava completamente cheio oferecia um amoravel conjunto, tendo aí reunido grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade, entre as quais nos recordam as seguintes nomes:

Viscondessa de Serpa Pinto, D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Emilia de Castelo Branco Quintela (Farrobo), D. Alice Ferreira Pinto, D. Eugenia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Zulmira de Almeida Franco Teixeira, D. Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, D. Carlota Serpa Pinto Santos Moreira, D. Maria de Castelo Branco Arantes, madame Plantier e filha, D. Adelina Galvão de Sá Ferreira e filha, D. Suzana Ayres de Castro, D. Helena de Melo e Costa da Camara, D. Olga Ferreira Pinto de Lencastre, D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha, D. Eliza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Eduarda Nunes de Carvalho e filha, madame Rey Colaço e filhas, D. Carolina de Castro Freire e filha, D. Maria Luiza Ribeiro da Costa Barbosa, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Madalena Firmo Cunha, D. Elvira de Macedo, D. Maria Izabel de Sousa Martins Braga, D. Fernanda de Almeida de Orey, D. Maria Tereza Braga de Magalhães, D. Rosa Barroso de Morais e filha, D. Maria Luiza Bramão Abecassis, D. Georgina de Mendonça e sobrinha, D. Jeanne Rey Colaço de Castro Freire, D. Maria Tereza Bramão de Carvalho, D. Amelia Leitão, D. Maria Inocencia Quelhas Sardinha Durão, D. Izabel Bramão Bettencourt Ferreira, D. Ludgera Empis, D. Maria Empis Felix da Costa, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Palmira Lucas Torres, D. Josefina Vaz Monteiro e filha, D. Maria Correia Leite, D. Flavia Correia Leite da Camara Vasconcelos, D. Arcelina Moreira dos Santos Medeiros, madame Carlos Barbosa, D. Alzira Pereira Ramalho Ortigão, D. Henriqueta Nepomuceno Talone da Costa e Silva, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Maria Henriqueta Abrantes Ribeiro da Costa, D. Luiza da Camara, D. Maria da Lux Caldeira de Pina Machado, D. Maria Vaz Monteiro Avelar, D. Maria Eugenia Galvão de Sá Ferreira Sotto Mayor, D. Mariana Barbosa da Cunha Sotto Mayor Riccou, D. Maria Manuela Caldeira de Pina Machado de Castelo Branco, D. Julia Patricio Alvares e irmãs, D. Helena Bramão de Faria, D. Emilia Brederode Smith, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha, D. Valentina de Sousa e Faro Ayalla e irmã, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, etc.

Agenda

A'manhã a nossa sociedade dará «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Salão Foz e do Chiado Terrasse, e á noite, no Politeama e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Nos salões

Na noite de 8 do corrente oferece madame Jugert Wieze, no seu palacio da rua do Sacramento á Lapa, um baile, para o qual estão feitos numerosos convites.

Em viagem

A' sua casa em Campo Maior, regressaram os srs. viscondes de Olivã.

—Da sua viagem pela Turquia, regressou a Lisboa, o sr. marquês de Belas.

—Partiu para Castelo Branco o sr. Manuel da Mota.

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

"A NOVELA SUCESSO"

O crime da carne branca

NOVELA JORNALISTICA

POR NORBERTO DE ARAUJO

Foi hoje posto á venda o terceiro numero da «Novela Sucesso» que é preenchido, como anunciado estava, por um trabalho de Norberto de Araujo intitulado «O crime da carne branca». Norberto de Araujo, que sacrifica a sua arte, a esta paixão a um tempo dignificadora e letal do jornalismo, só bem sentida pelos eleitos da emoção—fez no «Crime da carne branca» uma novela de amor, emocionante e delicada, mas de feição jornalistica, a que serve de fundo apenas—aquele crime de morte e de esquartejamento que, ha dois meses impressionou o país inteiro.

E, sendo um trabalho de fantasia jornalistico, os leitores o apreciarão como tal. Quanto a nós, a «Novela Sucesso» persiste em confirmar o seu titulo.

Transcrevemos a seguir dois capitulos:

III

Segunda feira. Lisboa desperta ao ritmo dos pregões. A este respeito o bairros pobres, são os unicos que têm garganta.

A Baixa — é uma grande artéria pretenciosa e rouca. Não sai dela canção ou graça de cantiga em vendedeira. As montras são caladas e irritantes, como Parises, que oferecessem modas a mulheres, perfumes e notas do Banco de França. A Baixa — não sabe cantar.

Tu toma a Rua da Betesga, mete ao Poço do Borratem, á Mouraria, e principias logo a ouvir cantar.

A garganta de Lisboa é dos pobres. Os ricos, os burgueses, os felizes nunca souberam cantar. A cantiga quere dizer resignação. Ora os ricos não se resignam se não a serem ricos — e ás vezes é verdade que custa bastante, principalmente aos pobres.

Mas voltemos aos pregões. Nada mais glorioso, nesta cidade que vendeu panos da Flandres, especiarias da India, frutos da Africa e passaros do Brasil. De manhã, Lisboa popular é um grande foguete, mal vezes repetido. Manhã de festa, na boca das raparigas que vendem, e andam descalças, e dos rapazes que, descalços tambem, vendem jornais e lotaria.

Os pregões, como tudo o que é ingénuo, começa a desaparecer em caracter. Avilta-se; avilta-se, não: submete-se ao tempo. Arranja moda. Alguns pregões dos nossos avós, acabaram. Era deles, dos avós. Ora os avós morreram com a sua honra e o seu conceito da liberdade, que nós não entendemos á maneira deles, e levaram para a cova os seus colarinhos á 1870, os seus casacos debruados, e os seus pregões.

O certo é que ainda se apregôa, que é a maneira de pôr a alma de braço dado com a razão. Oferece-se laranjas e dizse, a cantar, que se não jantou ontem.

As cautelas — tem alegria; os jornais são um clarim. Tambem é tudo quanto nos resta do nosso *folk-lore* das ruas: jogo e noticias. A esperança no dia de amanhã e a contemplação do que passou ontem...

Ora o que tinha passado ontem — era o crime.

Estamos na Alfama. Na Rua dos Remedios — por exemplo. A Alfama é toda uma. Todas as ruas são dos remedios, do Paraizo, de S. Miguel, do Arco Escuro, das Portas do Mar, do Beco da Galé. A India — em letra pequena, a India, e a maruja que já acabou. A maruja hoje não mora na Alfama; mora em Alcantara, que é uma prostituição das nossas lendas do mar.

Lê-se o crime. Os *reporteres* — coitados! alicerce sobre o qual os pedreiros mestres do jornalismo fazem finca-pé — sempre se amoldaram á circunstancia. O Adjunto da investigação lá se resolveu a confidenciar que a morta estava bem morta, e que o que faltava, não para a resuscitar, mas para a identificar — era a cabeça.

«Cabeça de sonho!» — escreveu um dos jornais, apaixonado das frases bêlas.

«Cabeça de sonho», era o que carecia aquele corpo de carne branca, para o romance se completar.

Para a gente da plebe, a que lê em grupo ás soleiras, emquanto os petizes chafurdam — havia uma revelação naquela manhã no *Seculo e do Noticias*. Sabia-se quem era a vitima, e quem era o criminoso. Vinham os retratos na primeira pagina.

Um homem de boas leituras, lia alto:

«O crime da mulher esquartejada — Aparece a mãe da vitima. — Trata-se de uma filha familia, muito formosa, raptada no sabado passado. — O criminoso: um devasso anormal, que deve ter praticado o crime para despojar a menina dos seus encantos e das suas joias. — A policia em campo».

Eram o titulos. Depois principiava a narrativa...

Uma senhora compareceu no Governo Civil lavada em lagrimas. Tinha todas as razões para suspeitar que a vitima era a sua filha, mais nova, que tinha sido raptada por um homem de maus instintos, libertario, socio de associações secretas, e com relações com bombistas e com elementos sinistros do operariado. Levada á presença do Director da Policia de Investigação, a pobre senhora contou a historia. Sabado, de manhã, a menina desaparecera. Coincidindo os factos e os promenores dos factos. Não podia deixar de ser. O chefe da investigação e os agentes esfregavam as mãos nas antecamaras, emquanto a pobre Mãe, quasi amortecida da narrativa, apresentava o retrato que tirára do seio:

—Era esta menina! E o seu ultimo retrato! Minha querida filha!...

Nos corredores, a reportagem, impaciente, halucinada, insaciada, esperava o momento de tomar cont da sua presa: a mãe.

Os agentes, esses diziam aos ouvidos uns dos outros:

—Desta vez, esses diabos dos papeis não hão de dizer que a gente não descobre nada. A mãe já a gente descobriu.

Agora vai de roldão a turba pelos corredores lugubres. De mistura, agentes da segurança e da investigação, reporteres e chefes com um ar de grandes detectives, fotografos, guardas republicanos, oficiais fardados e gente atraida pelo barulho.

—E' a mãe! E' a mãe!

O automovel 925 de S. Roque espera.

—Vamos á Morgue — grita o adjunto.

O 925 faz *r r r r*, puxando para a «primeira», e range nos carretos gastos de um Dion-Bouton estafado. Os reporteres tem uma *side-car*. E' a do *Seculo*. Por solidariedade, o jornalista leva os seus colegas. São cinco preferidos. «Arranjem-se de qualquer maneira». E' um cacho de gente, uma verdadeira pendora de sensacionalismo das gazetas.

Até S. Lazaro aquilo foi de rebolão pelo Chiado, pela praça da Figueira, pela Nova da Palma. O *side-car* chega primeiro que o automovel. Quando o dr. X., e um agente de grandes bigodes da exguarda municipal, entram o páteo lugubre do Necroterio, já lá estão os jornalistas.

—O dr. Azevedo Neves?

—Não está. Mas está o chefe dos serviços. Já cá se sabia tudo pelo telefone... E' a Mãe!

—Aqui nunca está ninguem a postos — bradou o Adjunto —. Nem para um caso como este. Pois olhem que é das raras cousas *bem boas* que a policia teve este ano.

Dentro do automovel uma mulher de luto, grande ar respeitavel, chorando com suas lagrimas de uma ternura infinita, que repassavam o lenço branco e chegavam ao coração dos jornalistas — esperava. Figura de tragedia, ópressa, vencida, ela só continha a distancia os reporteres que — aterrorizados por aquela grande dôr — não se atreviam.

O adjunto voltou de dentro e disse:

—Rapazes. Tenham prudencia. Não vexem com preguntas esta pobre senhora! Eu depois vos contarei tudo...

—Então não podemos assistir?

—Impossivel...

—Mas isto é uma desconsideraçao!

—Não, não digam isso. A policia está grata á imprensa. Mas é um caso de muito melindre...

Adeantou-se o inevitavel decano da classe:

—Julgando interpretar o sentido dos meus camaradas, eu peço a V. Ex.ª que nos deixe assistir. E' preciso ajudar a policia nesta campanha contra o crime, e...

—Entrem, entrem para a sala da exposição...

E murmurou:

—Que praga!

E dirigindo-se á senhora:

—O seu braço, e coragem!

No largo fronteiro, centenas de pessoas cumprimiam-se:

—Coitadinha!

—E para isto traz uma mãe um filho no ventre nove meses...

O moço abre as portas de dentro da janela á claridade. Arranca a sarapilheira do cadaver, que voltara antes do frigorifico — o que não era costume. A sarapilheira estava colada á cavidade do torax vazio, cujas lombas cristalizaram ouro e rubi côr de rosa fragil. Havia um cheiro pestilento, muito bem ligado ao dos desinfectantes. O moço, com as mãos grossas, aconchegou os braços deslocados e desenhou com o indicador o contorno da imaginaria cabeça, para os jornalistas verem. Depois acariciou as coxas, ainda muito alvas, e compoz um pé miniaturial, premindo o roxo da gangrena inevitavel com o seu dedo polegar muito familarizado.

A senhora entrou, pelo braço do adjunto, e pelo braço de um chefe de serviço do necroterio. Vinha tonta. Fez-se um silencio álgido. Ouvia-se apenas cair uma corrente de agua de uma torneira esquecida numa bacia de esmalte, a transbordar.

Mais silencio. O moço, como aquilo demorava, foi-se ao cadaver e arranjou intencionalmente um joelho.

Nisto, resoou um grito lugubre, nunca ouvido na Morgue, grito de loba, de leôa, de Mulher grito sinistro que ecoou pelas entranhas do edificio, correu os páteos, os jardins, as escadarias, e foi-se direito á Enfermaria da Maternidade, onde áquela hora uma mãe humilde, envergonhada, dava á luz uma filha.

—E' ela! E' ela! E' a minha filha!! Mataram-na!!!

E caiu nos braços do homem de bigodes, que murmurou, feliz:

—Até aqui, graças a Deus, tudo tem ido com sorte...

No Governo Civil:

—O criminoso, ámanhã. Está aqui o seu retrato. Infelizmente, não tem cadastro. Sempre queremos ver se os senhores agora ainda dizem que a gente não tem habilidade nenhuma para isto...

Os reporteres um a um, com grandes rodas de V. Ex.ª, deixaram o gabinete. Os jornais da noite fizeram duas edições, o retrato do crminoso foi publcado a largas colunas, e a vitmai — «uma menina na idade dos romances de cavalaria, timida, vestida de azul, toucada de luz fora do sol só para ela... cauda de esmeralda e ouro como as caudas magestosas de certos pavões lendarios» — serviu de modelo a artigos jornalisticos, imaginarios e lapidares de beleza, superexcitação profissional na qual se queimam tantos talentos dignos de melhor sorte.

Ora era isto que no coração da Alfama á hora do sol e dos pregões, as mulheres, desgrenhadas e lividas, e os homens espantados e sugestionado, ouviam lêr naquela manhã de uma segunda feira de março, frio, a acusar a primavera para muito breve...

VI

Noite escura. Pesada noite escura.

—Meu Deus! Meu Deus! Que lhe teria sucedido! Meu Deus! Faze que ele volte depressa! Faze que ele venha hoje ainda! Não me desampares, meu Deus! Eu estou arrependida de ter deixado a minha mãe. Mas eu gosto tanto dele! Tanto! Perdoa-me, meu Jesus, perdoa-me a mim e a ele, que nós prometemos casar!

A velha ama, ajoelhada ao lado da menina, ambas defrente do crucifixo de reflexos doirados, onde o Cristo livido, á luz da vela, indiferente ouvia as preces das duas mulheres; a velha ama, repetia, repetia, repetia, incessantemente:

—Padre nosso que estás no ceu, santificado seja o vosso nome — faz a vontade á minha menina!...

—Avé Maria cheia de graça, o senhor é convosco — faz a vontade á minha menina!...

—Salvé Rainha, Mãe de Misericordia, vida doçura... — faz a vontade á minha menina!...

Fora corria mesmo uma lufada fria, que cantava, que soluçava pranto na cabeleira verde, ondeada dos trigos pequeninos.

E assim, toda a noite escura. Até de madrugada, que foi quando a menina se deixou cair para o lado, tonta de sono, estiveram ambas rezando. A velha ama, cobriu depois Luiza com um velho chaile que já agasalhára o menino em pequeno, e adormeceu ao centessimo Padre nosso, com as contas entre os dedos...

TEATRO DE S. CARLOS

HOJE ás 20 e meia horas

11.ª recita extraordinaria

Primeira e antepenultima representação da opera de Ambroise Thomas

HAMLET

por Ada Sari, Sadoven, Armando Crabbé, Percy Costa, Gras Solé, Prati, Lussardi e Erauzkin sob a direcção do maestro Fabbroni

Ámanhã, sabado — 28.ª recita ordinaria — Ultima representação do SIEGFRIED.

TEATRO SÃO LUIZ

A celebre e festeiada opereta

A Mascotte

Grande exito da Companhia

A actriz-cantora **Aldina de Sousa** no papel de «Flôr de Abril».

TODAS AS NOITES

NACIONAL

Telef. N. 3049

ÁMANHÃ 5.ª recita de assinatura

1.ª representação da tragedia em 3 actos, original de LUNA DE OLIVEIRA

musica de scena de Luís de Freitas Branco

VIRIATO

VIRIATO, general Lusitano

RAFAEL MARQUES

Ano 613 da fundação de Roma

EDEN-Teatro

HOJE ás 21

O FADO

POLITEAMA EMPREZA LUÍS PEREIRA Tel. 3028 N.

COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

HOJE, ás 21,30 — A peça historica, em 1 prologo e 4 actos,

de Francisco Lage e João Correia de Oliveira — EXTRAORDINARIO EXITO DE ONTEM

Soberbo desempenho — **A RIBEYRINHA** — Admiravel trabalho de

— Scenarios lindissimos AMELIA REY COLAÇO

Domingo, 4 — Concerto extraordinario, pela ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA da regencia de FERNANDES FÃO, e em que toma parte o eminente pianista VARELLA CID

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Diario de Clarinha

E' hoje a primeira representação sensacional desta epoca.

Saio ás sete e meia dum elegante lunch, *tão diferente dos chás das cinco, onde as pessoas se agrupam em futeis conversas, discutindo as ultimas modas, os primeiros escandalos, ou o exagero dos preços.*

Neste fim de tarde—acinzentada e fria—sinto-me bem, na pequena sala aconchegada e elegante onde se reuniram poetas, artistas, e uma privilegiada diplomata, de fisionomia enigmatica e bela.

Ha chicaras sobre a severa mesa de estudo; entre duas fotografias numa mesinha de laca; e até—oh, profanação!—ao canto do piano junto dum ramo de violetas.

Ainda se espalham no ar os ultimos ecos duma voz clara no—adeus—de Debussy, *e logo imploram uma canção portuguesa*

—Oh, oui! Chantez-nous quelque chose de portugais!

E a voz recomeça a melodia nostalgica, sensual, requebrada:

Aquela casa piquinina...

A seguir V. C. *senta-se ao piano, pousa no teclado as mãos pequenas, sacode a cabeça, ergue a fronte vasta, e logo* Albeniz *evoca a historia mourisca e maravilhosa, passada decerto nas salas de marfim, marmore e prata de Granada...*

Nós escutamos num recolhimento grave. Fecho os olhos e componho a meu modo o conto que entendo, através da melodia apaixonada.—Lá subiu a favorita á torre do palacio.—O luar inunda as laranjeiras e parece escorrer dos folhos metalicos até aos cravos, que atapetam os jardins do Alcazar. *Sinto o aroma quente das flôres—corolas abertas—para beberem melhor o aroma quente da noite de maio.*

A favorita abriu os braços alvos — Vejo a — envolta no brocado de oiro dos seus vestidos. Afastou as musselinas que lhe encobriam o rosto — côr de luar.

Mas o rythmo apressasse, agita-se, avigora-se. Alguem espreita a sultana enamorada — sobem as escadas de marmore, aproximam-se...

Uma voz doce murmurou aos meus ouvidos — Mais chá? — ou uma avelã glacée *— a mais deliciosa invenção parisiense...*

Num divan, perto de mim, a formosa estrangeira escuta. Vejo melhor agora os seus explendidos olhos glaucos e profundos, a curva classica do seu nariz fino, a boca voluntariosa e bem desenhada, as mãos palidas, caindo ao longo do vestido preto.

Um derradeiro acorde termina a plangente harmonia — Quebrou-se o encanto.

Lá fóra cai uma chuva miuda, sobre a rua — banal como todas as ruas — para quem não a compreende.

O automovel desce rapidamente, até ao Calhariz. E' tempo de me vestir para a première *sensacional desta epoca, que ámanhã contarei, detalhadamente, tal como a senti.*

Amelia Rey Colaço deve, neste momento, principiar a sua principesca toilette *para se encarnar no papel de dissimulação e graça, maldade e carinho: de Maria Pais* — A Ribeyrinha.

Clarinha

1 de Março.

Mirandu & Filhos
Joalheiros
PORTO 176-R. 31 de Janeiro 178 LISBOA 50-Rue Garrett-52

DE LUTO

D. Judite Jardim Costa

Faleceu esta madrugada a sr.ª D. Judite Jardim Costa, filha do comerciante sr. Alfredo Jardim e esposa do empregado do comercio sr. Alberto Costa e sobrinha do sr. Carlos Macedo, tipografo do «Diario de Lisboa». O funeral da desditosa senhora realiza-se ámanhã, ás 15 horas, saindo o prestito funebre da rua Eugenio dos Santos, 45, 2.º, para o cemiterio Oriental.

O «Diario de Lisboa» apresenta a toda a familia sentidos pezames.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu-se, extraordinariamente, esta tarde, no gabinete do sr. Ministro das Colonias.

UM ORIGINAL PORTUGUÊS

A Ribeirinha

de Correia de Oliveira e Francisco Lage

UM ESTUDO CRITICO DA PEÇA

A figura da Ribeyrinha, *fremoza mia senhor*, que andou nas cantigas de amigo e amor dum rei trovador, queda-se misteriosa e distante, incompreensivel e vaga, sete seculos depois, apesar da interpretação historica que lhe deram João Correia de Oliveira e Francisco Lage.

A Ribeyrinha, logrou com a *Ribeyrinha* da peça, não um pouco de luz, um esforço para a resolução da personagem, apenas quatro actos e um prologo, em que se não solucionam dificuldades, em que se não alargam fantasias.

O que foi a Ribeyrinha — não o disseram os autores do *episodio historico*. Foi traçada psicologicamente a figura? Obrigou-a a matar por amor? Por odio? Era a vingança dos mortos que se extinguia com a execução de Lourenço Viegas, no cepo do carrasco? As interrogações ficam suspensas, e Ribeyrinha ri-se ainda, certo, a um tempo misteriosa, penetrante e perversa, alma de prismas e coração de lucilações embrincadas, á distancia de sete seculos, que Correia de Oliveira e Lage não galgaram. Quatro actos e um prologo que não deram espaço á figura. Foi uma exumação talvez radiosa, como a vida das borboletas, e o efemero prestigioso de scenarios cuidados.

Lage e Correia de Oliveira, apresentaram a figura; não a acabaram. Mesmo no ultimo acto, quando *Ribeyrinha*, se sente tocada pela piedade, e iria dar o perdão que a perdoaria, intervem o Jogral e dois esgares bastam para que ela se distraia do triste apaixonado, que foi Lourenço Viegas. Será compreensivel que uma cabeça suspensa um instante na morte caia para sempre, mercê apenas duma distração? Sabemos bem que é a verdade historica modificada, mas então para lhe dar visos de realidade, necessario era conduzir a peça, de maneira outra que não fosse aquela que nós ontem vimos.

A *Ribeyrinha*, de Correia de Oliveira e Lage, peca por pouco teatro. Quatro actos sem finais, apenas com suspensões, com linhas de reticencias. Não tem um fulcro de acção decisiva; paralisa-se em *indirectos*, enliça-se de frases superfluas para colocação de vocabulos, talvez apropriados, mas nem sempre cingidos aos personagens.

Remodela no todo, ou em parte, o teatro historico, a *Ribeyrinha?* Gritamos: Não! Em teatro é o dialogo, e mais que o dialogo, a acção dos factos que revela caracteres. E, se em literatura é lindo e obrigatorio mesmo, a verbalização extensiva, em scena ela deve ser considerada apenas como um elemento secundario de teatro. A linguagem da *Ribeyrinha* é rude e agreste, forjada em incude de ferro, não rescende a louçanias, ao amorismo ingenuo, á malicia que não passa de um vermelho de rosa, das cantigas que Taveiroos e D. Sancho I, fizeram á linda dama. A linguagem da *Ribeyrinha* tem o estilo dos *Lobos*, e, sendo dura, iriçada de termos, mais apropriados se a acção se passasse no periodo literario da escola hespanhola, já com a linguagem a tentar ser correcta, e não no provençal, afugenta a onda de lirismo que trovadores, segreis e jograis trouxeram do claro sol da Provença. Então, talvez se desconhecesse a sintaxe, talvez não houvesse ainda termos que exprimissem almas bizarras, mas, decerto, não se ignorava, e as cantigas afirmam-o, o amor cavalheiresco, as donas dos rimances, os *élans* percursores dos heroismos dos cavaleiros da Tavola Redonda e dos outros que andaram em demanda do Santo Graal, e daqueles que estiveram em Roncesvales. Uma cantiga qualquer de D. Sancho I, de Airas Corpancho, ou de Pai Soarez de Taveiroos, decerto ficaria envergonhada pela sua simplicidade que tudo diz, em frente da linguagem mais que castigada da *Ribeyrinha* de Lage e Correia d'Oliveira.

* * *

Vamos agora á segmentação da peça:

O prologo, talvez pela dicção precipitada dos bobos, foi incompreensivel. Não nos explicou ou apresentou a peça. Será talvez, literariamente, muito bem feito — feito para livro. E aqui começa o verso branco... não?

Primeiro acto. Apresentação de figuras. Extensões monotonas de falas e um belo trabalho de Rey Colaço, que se começa a afirmar. Arremedos de danças mouriscas. Aposta-se o corpo da *Ribeyrinha* e, sem uma acção intensa, um detalhe vivo, cai o pano, sem termos um final. O primeiro acto, no entanto, é dos melhores. Movimentadas as figuras. Linguagem que pode estar deslocada da epoca, mas que é portuguesa. Vestida de dó, por morte do rei, assim nos aparece no segundo acto *Ribeirynha*. Efervescencia literaria e pouco teatro. Todos os *trucs* conhecidos.

Desde a Maria Pais que vai á *janela*, como se diz na peça — não seria melhor ventana ou fenestra? — e vê passar o cortejo, até ao esculca Bonamis, que a leva pela mão e a faz ouvir a repetição da aposta pela qual ela será de Lourenço Viegas.

O final que passaria despercebido se estivesse confiado o uma actriz vulgar, ganha em relevo e emoção, na emoção de Rey Colaço, que tem dois maravilhosos gritos. O terceiro acto pareceu-nos o mais fraco de todos. O espanhol que falam as servilhetas da hostaria de La Sierpa, não se ajusta á epoca. Espanhol do seculo XX, do madrileño, já no seculo XIII? Confundiram-se as epocas?

Passam em branco os primeiros seculos em que a linguagem ainda é impura e tenta eclodir, livre de gangas e influencias, ou sejam o provençal e o português?

Aqui, neste acto, ha uma grande falta. E' o amor! São todas as palavras do amor, é o misticismo e a unção de outros tempos.

A rajada de idealismo e de amor dessa epoca, avilta-se numa scena banal. Naquele coloquio que pode não ser sincero, mas que é vida e honra de cavaleiro, em Lourenço Viegas, é frio, canfrangedoramente frio, feito a palavras, sem jogo de sentimentos. Não comove, nem vibra, nem emociona.

Ribeyrinha arrasta o seu apaixonado e a porta dum quarto da hostaria de La Sierpa, fecha-se. E' um equivoco inartistico, bom para as peças de adulterio. Os autores da *Ribeyrinha* evitariam bem esse escolho se, passando ao quarto acto, levantassem, com quaisquer palavras, o incidente. O final deste acto, morre, quando o escudeiro promete contar a fabula do leão e do coelho. Será teatro esta reticencia mais?

O ultimo acto, resolvido com a morte de Lourenço Viegas, depois do conselho de familia demasiado extenso, em que o publico julga que é a honra da *Ribeyrinha* que se vai vingar, e, portanto, que é nesse foco de beleza que ela se redime, confunde-se depois, lamentavelmente, com a vingança dos mortos, as suspeitas com que a envolvem os seus afins, o seu grito de perdão, a momice do bobo, que, com palavras, não com factos, consegue, como a uma criança que se distrai, suspender-lhe a vontade.

A interpretação da companhia Amelia Rey Colaço, impõe-se em conjunto. A artista fez tudo e o publico sentiu-o, premiando com palmas o seu trabalho pessoal. E' do melhor em teatro dos nossos dias, o que Rey Colaço fez no final do segundo e terceiro actos. Robles Monteiro não se excedeu. Foi probo; podia, no entanto, humanisar um pouco mais a figura. Talvez a linguagem não lhe désse ensanchas para isso. Gil Ferreira portou-se admiravelmente. Esquecemos o homem, vimos apenas o comediante. Ribeiro Lopes disse bem a sua tirada do primeiro acto, e Raul de Carvalho, a quem gostosamente elogiamos, descreveu com côr e com intenção o rapto.

Os scenarios estão muito bem estudados. O primeiro é melhor que o segundo e terceiro. Na *mise-en-scene* da Alcaçova de Coimbra ha um erro palmar. Velas, por tochas ou brandões! E' de supôr que a industria de cereeiro não existisse ainda.

A. P.

Pelos teatros

«Viriato»

Sobe amanhã á scena, no Nacional, em 5.ª recita de assinatura, a peça original, — 3 actos, «Viriato» de Luna de Oliveira, escritor de reconhecido merito, oficial do nosso exercito, co-autor da opereta, «A Moreninha», com D. José Paula da Camara, rapaz talentoso e trabalhador, a quem está reservado um largo futuro no teatro português. «Viriato», cuja acção remonta á epoca das lutas entre Romanos e Lusitanos, de que o pastor dos Montes Herminos foi o chefe e o general, dal vindo os fundamentos, mais tarde, da nossa nacionalidade, é uma peça que todo o bom português terá prazer de vêr e ouvir, pelo que ela nos revela de conhecimentos e de factos dessa epoca remota, que, apesar de tudo, tinha uma civilisação curiosa e digna de ser observada. Enscenada com os cuidados que põe em todos os seus trabalhos o professor ensaiador Augusto de Lacerda e posta em scena com o escrupulo e o esmero peculiares na Sociedade Artistica do Nacional, «Viriato» marcará um sucesso e um belo passo no resurgimento do nosso teatro.

Ontem, o sr. Luna de Oliveira, acompanhado pelo sr Augusto Pina, administrador do Teatro Nacional, foi recebido pelo sr. Presidente da Republica, que assistirá ámanhã, á primeira representação do «Viriato».

"Os Maias"

O brilhante jornalista das nossas ilhas sr. dr. José Bruno Carreiro, director do «Correio dos Açores», extraiu do romance de Eça de Queiroz, «Os Maias», uma peça em três actos, a que pôs o titulo dessa figura idealizada, que o romancista envergou nas melhores roupagens de beleza, «Maria Eduarda». A peça foi representada no «Teatro Micaelense», pela Companhia Alves da Cunha, encarregando-se Berta de Bivar da protagonista desse drama violento e complexo. Todos os interpretes incluindo o proprio autor, que á imitação de Sacha Guitry, interpreta as suas produções, obtiveram os mais fartos aplausos.

O autor da «Vespera de Feriado», decorridas duas dezenas de anos, mantem o mesmo encanto de espirito que gravou uma verdadeira tradição no meio academico de Coimbra.

O «Diario de Lisboa», particularmente sensivel aos triunfos dos seus camaradas, sauda o mais vigoroso talento da imprensa insular.

Fernando Pereira

No Eden-Teatro realiza hoje a sua festa artistica o tenor Fernando Pereira, que muito se tem evidenciado no genero opereta, pelas seus recursos artisticos e pela sua excelente voz. Sabemos que os seus amigos lhe preparam, esta noite, uma festa de alegria, pois que se representa, a linda opereta «O Fado», havendo a mais um acto de variedades, no qual tomam parte, além do festejado, varios artistas doutros teatros.

Atrás do reposteiro

Estão-se já fazendo varias combinações para a exploração de alguns teatros na época de verão, com repertorio ligeiro e musicado.

—Acentuam-se as melhoras do actor Augusto de Melo, do Nacional, saíado já á rua o seu colega Joaquim Costa, que entrou em franca convalescença. Tambem tem experimentado algumas melhoras o actor Luís Bravo

—A propaganda da companhia Nascimento Fernandes, no Algarve, será feita pelo antigo artista Dias Monteiro, actualmente residente em Faro e relacionado com as principais familias algarvias.

—A companhia José Ricardo vai fazer «reprise» da peça historica «Aljubarrota», de Ruy Chianca, fazendo Eduardo Brazão o seu antigo papel e José Ricardo o personagem criado por Ferreira da Silva.

—Recebemos cartões de despedida dos artistas Amelia Pereira e Georgina Cordeiro, da companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

—Prosseguem os trabalhos da Empresa «Fortuna-Film» que, nos «ateliers» da «Portugalia Film» está concluindo os interiores da fita portuguesa «A alma do Mar», de D. Virginia de Castro e Almeida,

—A companhia Oscar Ribeiro-Macedo e Brito, actualmante no Aguia de Ouro, do Porto, estreia-se em maio no Eden-Teatro.

—A peça «Blanchette», com que a actriz Jesuina de Chaby realisa a sua festa no Avenida, no dia 8 do corrente, vai ser posta com o maximo esmero, desempenhando Chaby Pinheiro o principal papel masculino.

—Os populares acrobatas excentricos «The Araluz» (os Pirilaus) apresentam ámanhã, no Coliseu dos Recreios, novos e engraçadissimos trabalhos.

—Regressou já ao Porto o empresario Oscar Ribeiro, do Aguia de Ouro.

—O empresario José Ricardo contractou a actriz Alda Verdial.

POLITEAMA HOJE
A RIBEYRINHA
Admiravel trabalho de AMELIA REY COLAÇO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A ENTREVISTA DO DIA

LISBOA DE LIMA

COMISSARIO DE PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

FALA AO "DIARIO DE LISBOA"

Na altura em que o sr. dr. Vasco Borges, então ministro do Comercio, levou ao Parlamento o caso da nossa representação na Exposição internacional do Rio de Janeiro, o *Diario de Lisboa* escrevia, pela pena de um dos seus redactores:

O Diario de Lisboa *não tem relações pessoais algumas com os srs. Lisboa de Lima e Malheiro Reimão, a quem muito presa. Tem pelo nome, pela inteligencia e pela entidade politica do sr. Vasco Borges, tão sobria e excepcionalmente marcada na sua vida ministerial, a maior consideração.*

Posto isto — que é necessario vincar nestas questões de aspecto pessoal e moral — não encobrimos ao leitor que neste jornal, tanto pelo conhecimento que temos dos factos, directamente, como pelas proprias informações e revelações vindas a publico ontem e de ha tempo a esta parte, ha a opinião estabelecida de que a acusação levantada contra o sr. Lisboa de Lima, no Parlamento, não sendo insofismavelmente justificada, e antes tendo um aspecto pessoal e de despeito que a neutraliza nas conclusões presimistas forçadas — não honra quem a precipitou, e teve antes o mau sestro de levantar mais uma poeira de escandalo, levando a confusão ao espirito publico, na tendencia lamentavel de exagerar juizos, que, á falta do depoimento legitimo e humano de defeza ausente, não tem senão uma efémera consistencia de escandaleira politica.

Pois bem. Agora que o sr. Lisboa de Lima está presente, a nossa opinião mantem-se.

O ex-comissario de Portugal na Exposição do Rio de Janeiro chegou ontem, a bordo do *Gelria*. Um redactor do *Diario de Lisboa* procurou-o hoje em sua casa. O sr. Lisboa de Lima, á nossa primeira pregunta, declara que, por emquanto, não quere falar para os jornais. Tem ainda na Alfandega as suas malas, os seus papeis, toda a larga documentção de que vem munido «pra pôr tudo a claro».

Não se avistou ainda com o sr. ministro do Comercio e como vem um pouco constipado, talvez só ámanhã o possa fazer.

Insistimos. Lembramos mesmo ao sr. Lisboa de Lima a conveniencia que tinha em falar para um jornal que neste caso da Exposição do Rio de Janeiro, adoptou uma atitude de imparcialidade e de correcção, perfeitamente coerente dentro dos processos e das normas de que costumamos usar sempre.

A entrevista segue o seu curso, naturalmente, o sr. Lisboa de Lima a falar e a fumar, depois do almoço, o jornalista a preguntar e a ouvir, ainda sem ter almoçado. E' apenas uma ligeira palestra — não tão ligeira que deixasse de preencher uma hora contada pelo relogio — em que o jornalista não tomou um unico apontamento e o sr. Lisboa de Lima falou, falou, de perna traçada, cigarro nos labios, com uma serenidade natural e uma reserva de palavras perfeitamente explicavel.

—Acusam v. ex.ª de desobedecer ás ordens telegraficas que recebeu do sr. ministro do Comercio, mandando-o regressar imediatamente a Lisboa...

—Não houve desobediencia alguma da minha parte. Recebi em 28 de novembro um telegrama do sr. ministro do Comercio, ordenando-me que entregasse as obras da Exposição ao engenheiro sr. Ricardo Severo, regressando em seguida a Lisboa.

—Mas v. ex.ª não regressou nessa altura...

—Pela simples razão de que o sr. Ricardo Severo não queria tomar conta das obras. A mim o declarou terminantemente, quando me avistei com ele no Rio de Janeiro.

—Mas não recebeu ordens posteriores para regressar ?

—Até 8 de dezembro, não recebi resposta ao meu telegrama.

—E o que resolveu fazer?

—Apenas isto: aguardar ordens de Lisboa. Compreende como era melindrosa a minha situação: encontrava-me no Rio com os pavilhões em obras, em conflito com o sr. embaixador de Portugal, de relações cortadas com o ministerio do Comercio e ainda por cima com uma insoburdinação de pessoal, que não queria de maneira nenhuma abandonar os prazeres de uma vida facil e atraente.

—E mesmo assim...

—Foi nesta linda situação que consegui edificar os pavilhões e inaugurar um deles a 23 de Janeiro.

—Quando v. ex.ª chegou ao Rio em que altura se encontravam as obras?

—Havia apenas o terreno destinado a edificar os pavilhões e a paisagem—só a paisagem. O credito votado pelo Parlamento estava quasi exgotado, o sr. Malheiro Reimão passeava, e eu tinha vergonha de aparecer em publico como comissario do governo português, com a Exposição prestes a inaugurar-se e as obras naquele lindo estado.

—O sr. Malheiro Reimão regressou nessa altura a Lisboa...

—Não foi precisamente nessa altura. Demorou ainda algum tempo para me dar conta dos trabalhos que tinha realizado. Havia mesmo um engano (*sorriso do sr. Lisboa de Lima*) de perto de 600 contos nas facturas e era necessario esclarecer algumas verbas, acertar as contas e aclarar outros pormenores de que eu precisava tomar conhecimento.

—Para o caso de se manter a negativa do sr. Ricardo Severo em tomar conta das pavilhões, recebeu v. ex.ª, naturalmente, novas ordens de Lisboa...

—Sim, mais tarde. Um telegrama do sr. ministro do Comercio, mandando-me entregar o comissariado ao sr. embaixador de Portugal e insistindo pelo meu regresso a Lisboa.

—O que v. ex.ª fez...

—Não com a rapidez que me era indicada, porque estas coisas não se fazem de um dia para o outro e eu tinha que proceder ao inventario de tudo quanto estava sob minha responsabilidade: milhares de contos que as obras representavam e milhares de contos que me tinham sido confiados pelos expositores.

—E qual foi a origem do conflito com o sr. embaixador?

O sr. Lisboa de Lima sorri. Não quere responder directamente a esta pregunta. Acrescenta apenas:

—Mais tarde se saberá... Eu hei de pôr tudo a limpo...

O jornalista, porém, insiste. O sr. Lisboa de Lima mantem a sua reserva. A entrevista toma um rumo diferente. Mas veja o leitor: todos os caminhos vão dar a Roma. E por um caminho diverso, nós conseguimos levantar uma pontinha do misterioso veu.

—Acusam v. ex.ª de se fazer acompanhar de pessoal mais do que necessario para as exigencia da nossa representação...

—Por uma razão muito simples: porque eu contava chegar ao Rio e encontrar as obras num estado de adeantamento que, necessariamente, me havia de compelir a utilizar os serviços de todos os funcionarios que levei.

—Até musicos e bailarinas... — disseram os jornais.

—E' necessario que eu lhe explique, em parte, como entendia que devia ser levada a efeito a nossa representação. Num dos pavilhões, seria colocado um animatografo, onde deviam ser corridos *films* portugueses, com musica portuguesa. Mas se quando cheguei, como lhe disse, encontrei apenas diante de mim o encanto da paisagem, verificando então que o pessoal era demasiado para o pouco que eu tinha em que o empregar!...

—E mandou regressar a Lisboa os funcionarios que eram dispensaveis?

—Aí é que surge a campanha contra mim. Os musicos resignaram-se e voltaram para Lisboa. Mas os outros, aqueles que tinham cá um apoio politico, esses puzeram os pés á parede e não houve forças humanas que os fizessem retirar do Rio de Janeiro. A colonia portuguesa escandalizou-se, com justa razão. Esses senhores não faziam mais do que passear, gastar dinheiro, levar vida regalada, automoveis, clubs, mulheres... E como não estavam dispostos a acatar as minhas ordens, desataram a dizer mal de mim, da Exposição, do dinheiro que se tinha gasto, creando-me uma situação falsa e um ambiente de calunia em que outras pessoas teriam, naturalmente, desanimado. Pois eu não desanimei. Os pavilhões construiram-se em três meses. Os outros comissarios admiraram-se do milagre. E recebi provas de atenção, de simpatia e de carinho que me foram particularmente sensiveis.

—Os funcionarios dispensados continuaram no Rio...

—Alguns negaram-se terminantemente a voltar para Portugal — com o apoio e a protecção do sr. dr. Duarte Leite.

Vê o leitor como nós chegamos a Roma pela *via diplomatica*... A entrevista prossegue.

—Acusam tambem v. ex.ª de hipotecar os pavilhões a um banco, comprometendo, nessa operação, o bom nome de Portugal...

—E' falso que o bom nome de Portugal tenha ficado comprometido! Esqueceram-se de que a portaria que me entregava o Comissariado, me dava plenos poderes até para vender os pavilhões, se fosse necessario. De resto, a operação era vantajosa. Fiz um emprestimo de mil contos, que seria pago logo que terminasse a Exposição, visto que eu tinha já um projecto de venda dos nossos pavilhões em condições altamente favoraveis para o governo português. Tudo aquilo está hoje valorizado. O produto da venda devia cobrir todas as despezas.

—Acusam ainda v. ex.ª de favorecer uma casa comercial na requisição dos fornecimentos para a Exposição...

Sorriso do sr. Lisboa de Lima:

—Não é verdade que eu tenha favorecido esta ou aquela casa comercial. E' mais uma calunia. Quando tive necessidade de adquirir rapidamente os materiais necessarios para a construção dos nossos pavilhões, e como não houvesse tempo para delongas, dirigi-me á Associação Industrial Portuguesa, que me mandou uma lista de fornecedores por onde eu me guiei para fazer as requisições. E' apenas isto.

Uma pregunta, cuja resposta o jornalista já esperava:

—Confia nos resultados que podem derivar para Portugal da nossa representação no *certamen* do Rio de Janeiro?

—Inutilizaram tudo. Os meus planos foram-se por agua abaixo. Ainda assim, conseguimos fazer alguma coisa, mais do que muita gente pensava.

—Foi muito cara a construção dos nossos pavilhões?

—Foi a mais barata de todas. Gastámos menos de dois contos por metro quadrado de construção. Os outros paizes gastaram, em media, quatro contos.

—Mas os creditos aprovados pelo Parlamento gastaram-se rapidamente...

—Eu não tenho culpa dos compromissos que o nosso governo tomou com o governo brasileiro. Quizeram que a representação de Portugal fosse uma coisa larga. Naturalmente, o dinheiro não chegou Portugal fez-se representar com dois pavilhões. Só a França, a Belgica e a Italia é que tinham dois pavilhões. A Inglaterra tinha apenas um.

—E os 10.500 contos que foram ultimamente aprovados...

—Eu não precisava já desse credito. Ainda entreguei ao sr. embaixador cerca de 200 contos do emprestimo que contraí. E tem graça: o sr. dr. Duarte Leite está hoje a gastar esse dinheiro na conclusão das obras, o mesmo dinheiro que eles diziam que eu tinha mendigado no Rio, de porta em porta.

—A colonia portuguesa que atitude tomou para com v. ex.ª?

—Uma atitude perfeitamente clara, leal e patriotica. A bordo do *Gelria*, vieram despedir-se de mim os vultos mais eminentes da nossa colonia.

Tinha decorrido uma hora. E o sr. Lisboa de Lima, que começou por dizer que não daria uma entrevista, estava, naturalmente, entrevistado.

A carestia da vida

AS CLASSES MARITIMAS

VÃO PARA A GREVE?

Agitam-se mais uma vez as classes maritimas, no desejo de verem aumentados os seus salarios.

Tratou-se ontem do assunto na assembleia geral da Associação dos Armadores e Agentes de Navios, que resolveu nomear uma comissão de 5 membros para se entender com os representantes das classes de estivadores, conferentes (marcadores) e descarregadores de mar e terra. Avistámos-nos com um dos membros da Associação dos Armadores e Agentes de Navios.

—E' fundamentada a reclamação dos maritimos?

—Como sempre sucede, baseiam e sua reclamação no alto custo da vida; mas os maritimos são, indiscutivelmente, a classe melhor remunerada, comparaudo-a com o operariado das industrias, da construção civil, etc.

—O aumento reclamado...

—E' de 600|0, sendo certo que os reclamantes pediram e obtiveram aumentos sensiveis em Fevereiro, Julho e Novembro de 1920, estiveram quietos em 1921, e conseguiram mais três aumentos, em Fevereiro, Julho e Outubro de 1922, sendo este o ultimo, e estando a libra, no principio desse mês, a mais de 114$00, ou seja a um cambio peor do que o actual.

—Quanto vencem actualmente?

—Os conferentes 23$00 diarios, os estivadores 17$50 e os descarregadores 20$00. As duas ultimas classes ganhavam, antes da guerra, $90 diarios, o quo quere dizer que já têm os seus salarios elevados a quasi vinte vezes mais, os estivadores, e a vinte e duas vezes mais os descarregadores de mar e terra.

—E o patronato...

—Poderá, talvez, ceder numa pequena margem, pois é preciso evitar a todo o transe que a navegação estrangeira comece a esquivar-se aos fretamentos para o nosso porto.

—Pedem então os maritimos...

—Que lhes aumentem os salarios, para 32$00 aos descarregadores e para 28$00 aos estivadores, etc. Ora, se tomarmos por base o salario comum que tinham em 1914, ou sejam $90, e se reduzirmos a esterlino esta quantia, ao cambio médio de então, de 5$00 por libra, concluimos que os $90 valiam três shillings e sete dinheiros, que, por seu turno, valem hoje 19$70 ao cambio de 110$00 por libra. Aqui tem, pois, uma base para discussão entre as duas partes, base, aliás, muito racional e logica, que nos leva depressa á conclusão de que os salarios dos descarregadores, por exemplo, além de terem acompanhado a depreciação da nossa moeda, ainda são mais altos do que os que tinham em 1914.

Relatorio e Contas da Companhia da Africa Ocidental Portuguesa

RELATIVAS AO PRIMEIRO EXERCICIO DE 1921-1922

Senhores Accionistas

Nos termos das disposições legais e estatuarias vimos apresentar á vossa apreciação as contas da nossa administração referentes ao primeiro exercicio findo em 30 de Junho.

O pouco capital, em numerario, com que a Companhia se constituiu obrigou-nos a recorrer logo desde o principio ao crédito, razão porque é relativamente elevada a conta de LETRAS A PAGAR, encontrando-se, porém, o capital que representam, quasi na totalidade empregado em propriedades, alfaias, moveis, semoventes e generos que adquirimos, pois as despesas gerais, incluindo as feitas com a constituição da Companhia, sua instalação, contribuições pagas e a pagar e emissão das acções, elevam-se a Esc. 261.415$64,5.

Sem qualquer actualisação do valor das propriedades com que a Companhia se constituiu a conta de GANHOS E PERDAS apresenta um saldo de Esc. 254.620$12, para o qual vos propômos a seguinte aplicação:

Fundo de reserva legal.....	12.731$00
Dividendo ás acções, 6 0|0.....	192.000$00
Saldo para conta nova.....	49.889$12
Total.....	254.620$12

Concluindo cumpre-nos agradecer a valiosa cooperação que sempre encontramos da parte do digno Conselho Fiscal, e o modo especial como sempre fomos atendidos pela Casa Pinto & Sotto Mayor e Banco Colonial Português, prestando tambem o nosso reconhecimento aos empregados da Companhia, que bom serviço têm prestado tanto nesta cidade como em Loanda, e ainda muito especialmente ao nosso colega sr. Anibal Coelho de Montalvão, que em Angola instalou todos os serviços.

O Conselho Fiscal

a) Candido Sotto Mayor Junior
a) Bernardo Gomes de Pinho
a) J. Lobo d'Avila Lima
a) João Bravo Falcão

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1922

ACTIVO			PASSIVO		
Propriedades no Cacuaco			**Capital**		
Valor dos moveis e imoveis segundo o inventario.....		1:469.150$68	3200 acções do valor nominal de 100$00 cada uma.....		3:200.000$00
Propriedades no Golungo Alto			**Letras a pagar**		
Idem, idem.....		1:260.062$86	N/ aceites		1:000.000$00
Propriedades no Vale do Bengo			**Devedores e credores**		
Idem, idem.....		1:149.216$45	Saldos credores de diversas contas em Loanda	34.398$86	
Propriedades em Loanda			Idem em Lisboa	213.222$42	247.621$28
Idem, idem.....		94.491$82	**Credores por valores em caução**		
Vacaria em Loanda			Saldo desta conta		146.000$00
Idem, idem		397.215$93,5	**Ganhos e perdas**		
Abegoaria em Loanda			Saldo desta conta		254.620$12
Idem, idem.....		18.900$00			
Armazem em Loanda					
Generos existentes segundo o inventario...		60.007$15			
Letras a receber					
Por diversas em carteira		2.000$00			
Caixa					
Dinheiro existente em Loanda.....	22.639$44				
Dinheiro existente em Lisboa.....	786$64	23.426$08			
Mobilia e utensilios em Lisboa					
Valor dos existentes segundo o inventario...		9.400$00			
Devedores e credores					
Saldos devedores de diversas contas em Loanda.....	61.492$87				
Idem em Lisboa.....	156.877$55,5	218.370$42,5			
Valores em caução					
Importancia de 1:460 acções desta Companhia		146.000$00			
		4:848.241$40			4:848.241$40

Lisboa, 25 de Novembro de 1922.

O Conselho de Administração

a) Candido Sotto Mayor Junior
a) Bernardo Gomes de Pinho
a) J. Lobo d'Avila Lima
a) João Bravo Falcão

Deve GANHOS E PERDAS Haver

Despesas em Loanda:			Lucros da Exploração em Angola.....	516.035$76,5
Gastos geraes de administração	37.961.93			
Vencimentos do pessoal europeu.....	50.121.46,5	88.083.39,5		
Despesas em Lisboa:				
Gastos gerais incluindo vencimentos e contribuições.....	91.748.70			
Gastos de instalação.....	34.449.73			
Juros e descontos:				
Saldo desta conta.....	47.133.82	173.332.25		
		261.415.64,5		
Lucros liquidos.....		254.620.12		
		516.035.76,5		516.035$76,5

Lisboa, 30 de Junho de 1922

O Conselho de Administração

a) Candido Sotto Mayor Junior
a) Bernardo Gomes de Pinho
a) J. Lobo d'Avila Lima
a) João Bravo Falcão

Parecer do Conselho Fiscal

SENHORES ACCIONISTAS:

Mereceu-nos a maior atenção o que vos é proposto pelo Ex.mo Conselho de Administração no seu relatorio e grato nos é consignar que tendo procedido ao exame dos livros, escrituração e valores, e do mais que a lei e os estatutos nos impõem fiscalisar, encontrámos tudo na devida forma e melhor ordem, o que só comprova a competencia da Direcção da Companhia e o zelo do seu pessoal.

Em cumprimento das disposições legaes e estatuarias temos a honra de vos propor:

1.º — Que aproveis o balanço e as contas apresentadas pelo Conselho de Administração em relação ao exercicio findo em Junho do corrente ano:

2.º — Que ao saldo da conta **Ganhos e Perdas** no montante de Esc. 254.620$12 deis a seguinte aplicação:

Fundo de reserva legal	12.731$00
Dividendo ás acções, 6 °/o	192.000$00
Saldo para conta nova	49.889$12
Total	254.620$12

3.º — Que aproveis um voto de louvor á Direcção pela forma criteriosa por que encaminhou a acção da Companhia durante o seu primeiro exercicio.

Lisboa, 2 de Dezembro de 1922.

O Conselho Fiscal

a) *Ernesto Diesel Schröeter*
a) *Henrique Augusto Ferreira*
a) *José Maria do Casal Ribeiro de Carvalho*

BANCO NACIONAL AGRICOLA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL AUTORISADO 60 MIL CONTOS — LISBOA — **CAPITAL EMITIDO 20 MIL CONTOS**

RUA DE S. JULIÃO, 188|198

Telegramas — AGROBANK *Telefones — C. 2738 — C. 701*

SERVIÇO DE COFRES FORTES

Tabela de dimensões e preços dos cofres de aluguer

MODELOS	DIMENSÕES			PREÇOS	
	ALTURA	LARGURA	PROFUNDIDADE	6 MESES	12 MESES
1	25	24	50	22$00	38$00
2	24	41,5	50	24$00	43$00
3	25	50	50	28$00	50$00
4	41,5	50	50	40$00	65$00

Os cofres fortes podem ser utilisados desde já das 10 ás 18 horas. Cada locatario recebe uma chave de seu exclusivo uso, e da qual não existe outro exemplar. Os nossos cofres estão instalados no subterraneo do edificio do Banco, isolados do exterior por fortes construções em cimento armado e blindagens especiais, sistema Arnheim.

COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA

Séde — Rua 24 de Julho n.º 2, 1.º D.to — LISBOA

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL Esc. 7.200$000$00

Convidam-se os srs. acionistas a usarem novamente, querendo, o direito de preferencia, proporcionalmente ao numero de acções que constar das declarações que já apresentaram na séde da Companhia até 28 do corrente para acções que restaram.

As novas declarações devem ser feitas até ao dia 5 de Março inclusivé. Manteem-se os 2 0\|0 para as despesas da emissão e os prazos de pagamentos fixados no anuncio de 17 do corrente

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1923.

A Direcção

José Candido Correia
Augusto Moreira Rato
Cirilo Dias Larangeira
Fernando Costa

Banco Regional de Aveiro

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

E' convocada para o dia 15 de Março, pelas 15 horas, na séde da Associação Comercial de Aveiro, a Assembleia Geral ordinaria dos acionistas para cumprimento do disposto no artigo 12.º dos estatutos.

No caso de não comparecer numero bastante fica desde já convocada a Assembleia Geral para o dia 31, á mesma hora e local.

Aveiro, 25 de Fevereiro de 1923.

O Presidente da Assembleia Geral
Manuel Homem de Melo da Camara
(Conde de Agueda)

HESALIN

Novo preparado quimico alemão para limpar fatos, vestidos, tecidos em seda lã e algodão. Não prejudica a côr nem a qualidade.

A. F. JERVIS, L.da
12 — Trav. do Almada, s\|l, Esq. á Madalena
A' venda em todas as drogarias

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operaria

Sapatos em calf-preto para senhora. a . .	19$00
Sapatos em verniz todos os modelos a. .	20$00
Botas calf-preto com duas solas.	27$50
Grando saldo de botas brancas	17$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de côr para homem a. . . . . 27$00

Vão vêr, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, Rua dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 66

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A QUESTÃO DO ORIENTE

KEMAL PACHÁ VAI PROCLAMAR-SE DITADOR?

CONSTANTINOPLA, 2

A maior parte dos membros da Assembleia Nacional continuam a opor-se firmemente aos pontos de vista de Ismet Pachá e Kemal Pachá acerca do tratado de Lausanne. O «Daily Express« atribue essa atitude a influencias francesas. O mesmo jornal diz ser possivel que Kemal Pachá, apoiando-se nas suas tropas de Eskishehir, se proclame ditador.—(R.)

Os turcos

Vão pedir algumas alterações no tratado?

LONDRES, 2

Das informações recebidas, tanto em Paris como em Londres, conclui-se que or turcos pedirão que sejam feitas alterações nas clausulas economicas, territoriais e judiciais. Não é provavel que os os aliados satisfaçam todas as esperanças dos otomanos. Supõe-se, todavia, que as futuras negociações terão um desfecho favoravel para a paz do mundo.—(H.)

A Turquia

manifesta o seu reconhecimento aos aliados

CONSTANTINOPLA, 2

Discursando na grande assembleia Nacional de Angora, Mustaphá Kemal afirmou que eram pacificas as intenções da Turquia e manifestou o seu reconhecimento aos aliados pela independencia da Turquia. Os pontos de vista economico, financeiro e judicial são suficientes para se assegurar a paz universal. —(H.)

Um assombro

Os magnificos espectaculos do Coliseu dos Recreios

A companhia de circo que, com tanto êxito, está trabalhando no Coliseu dos Recreios, todos os dias alcança novos sucessos com os maravilhosos e variados trabalhos executados por todos os artistas que a compõem e que são os melhores conhecidos em todo o mundo. Continuamos a afirmar, sem receio de desmentido, que nunca veiu a Lisboa uma companhia como a actual, parecendo-nos até que não será facil tornar a formar outra com um conjunto tão artistico, tão variado e tão surpreendente como aquela que o publico ovaciona todas as noites na casa de espectaculos mais frequentada e mais economica da capital. Ali ha numeros para todos os gostos e até numeros especiais para as crianças, que muito apreciam os magnificos e admiraveis trabalhos dos macacos, cães, gatos e ratos amestrados, apresentados pelo celebre professor Busto, bem como os engraçadissimos e originais intermedios comicos executados pelos notaveis e aplaudidos «clowns» Rico e Alex e Irmãos Albanos, os reis da gargalhada, que conservam a assistencia em constante e prolongada hilariedade durante os seus trabalhos sempre variados, sempre cheios de alegria.

Em vista da companhia ter de retirar de Lisboa antes do fim do mês, aconselhamos toda a gente a que não deixe de ir ao Coliseu vêr as celebridades que ali se exibem.

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.°— RUA AUGUSTA — 70, 2.°
TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

AS NUVENS NA TURQUIA

A PAZ ENTRE OS GOVERNOS DOS ALIADOS E DE ANGORA

Os ultimos telegramas e noticias do Oriente, por Londres e Paris chegam a esta conclusão: «dissiparam-se as nuvens que turvaram os ares no horizonte».

Uma guerra — mesmo lá longe da Europa mais viva e central — já não é possivel. São tudo ameaças. No fundo ha uma cousa que está caída, vencida, inutilizada: o espirito da guerra, ou seja a vontade de combater.

Os aliados fizeram concessões, e á Inglaterra, a cujo espirito de intriga — como a acusam — se devem tantas barafundas, entrou em desapiedade politica de *politesse* com os delegados de Mustapha Kemal.

E' possivel que neste momento já haja noticias precisas sobre a atitude da Assembleia, que funciona em Angora, sobre o tratado da paz. Existe ainda uma certa confusão, não se podendo afirmar precisamente que o governo de Angora está na disposição de se curvar em absoluto perante as potencias, embora mantendo contra-propostas ao que foi apresentado pelos aliados.

Em todo o caso pode afirmar-se esta conclusão importante: Os turcos aceitam as clausulas territoriais, grande pomo de discordia anterior. Apenas discutem as clausulas economicas, que podem manter mal entendidos, mas que não levam á guerra, seja porque caminho fôr.

Neste momento são os governos francês e inglês que se não entendem muito bem ácêrca das clausulas economicas. O sr. Bomfard, em Lousanne, aceitou certas clausulas economicas, interpretadas de determinada maneira. O governo inglês, junto do general Pellé, em Constantinopla, declara que não, que não aceita o ponto de vista francês.

E' necessario reconhecer que os ingleses adoptaram ultimamente uma politica de boas maneiras e concessões, com os turcos, o que os franceses não vêem com muito bons olhos.

Lembram-se os leitores de que ha duas semanas estavam em Smyrna dezenas de barcos aliados, a maioria inglesa, e que foram ameaçados de ser postos no fundo.

Historias... Os ingleses fizeram saber a Aduan Bey que as potencias estavam resolvidas a serem representadas em Smyrna cada uma por um navio de guerra, apenas.

E tendo ha dias dois aviadores ingléses caído em territorio turco, sobre o qual voavam, os turcos entregaram os supostos «inimigos», com grande ternura. Foram significativas as amabilidades trocadas então entre Ismet Pacha e o general Harington.

De modo que tudo leva a crêr que a paz, já assegurada, não será turvada tão cedo lá para as terras do Oriente turco. Falta que os franceses se componham com os ingleses; mas isso é tão facil como ligar dois adversarios, apenas de aparencia, no fundo interessados no mesmo plano de um negocio a longo praso.

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 4 DE MARÇO
MATINÉE, ás 3 horas da tarde
10.° CONCERTO DE ASSINATURA
da Orchestra Synfonica Portugueza
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
em que pela unica vez toma parte a celebre pianista
Mademoiselle Marie Antoinette AUSSENAC
PROGRAMA
1.ª PARTE — I, «Euryanthe», ouverture, Weber — II, «Preludio, Coral e Fuga», J. S. Bach.
2.ª PARTE — III, «4.° Concerto, op. 44, em dó menor», Saint Saens, para piano e orchestra, a) Allegro moderato - Andante, b) Allegro vivace - Andante - Allegro. Piano—Mademoiselle AUSSENAC.
3.ª PARTE — IV, «Rapsodia norueguêza» Lalo — «Auldigungs-marsch», Wagner.
Piano «Bechstein» da Casa Heliodoro Oliveira

REPARAÇÕES ELECTRICAS
REPARADORA ELECTRO-MECANICA, LIMITADA
R. TRINDADE, 18-A, 26
TELEF.: N.-4432

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74. RUA DO CARMO. 74

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.° (Junto ao Rocio).

AGUA CREME
RAINHA DA HUNGRIA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA LISBOA
PÓ D'ARROZ SABONETE
PEÇA-OS EM TODA A PARTE

NOTICIAS DE LONDRES

MORTE SUBITA DE LORD WEARBALE EM LONDRES

LONDRES, 2

Faleceu, subitamente, lord Wearbale. Antes de ter sido oreado par, era o sr. Philip Utahope e ganhou uma grande reputação na Camara dos Comuns oomo defensor das ideias liberais. Interessou-se muito pela união inter-parlamentar da qual foi durante muito tempo presidente. Durante a guerra ocupou-se das obras de reconstrução da Europa sendo presidente do fundo de socorro para as creanças.—(R.)

Um inquerito

feito por cincoenta medicos

LONDRES, 2

Continuam a fazer os seus estudos em Londres 50 medicos de 15 países por iniciativa da Sociedade das Nações e ajudados financeiramente pela instituição Rockefeller. Estes medicos teem feito visitas aos hospitais, asilos e casas de saude desta cidade, visitando agora varias cidades da Inglaterra. Os Estados Unidos estão oficialmente representados e estão tambem ali três tecnicos do ministerio da saude russo. No fim da sua visita, os medicos que fazem parte da conferencia reunir-se-hão em Genebra para trocarem impressões. Este inquerito deve ser de grande importancia para as novas nações que estão estabelecendo os seus organismos de higiene.—(R.)

A vigilancia

das costas inglesas

LONDRES, 2

Segundo foi comunicado no parlamento, o serviço de vigilancia nas costas, exceptuando a parte que faz directamente serviço á armada, vai ser remodelado e passará a estar subordinado ao ministerio do comercio, deixando de estar sob as ordens do almirantado. Das forças totais de 2:500 homens, o almirantado reservará para o seu serviço 334. Em tempo de guerra, o corpo de vigilancia naval será reconstituido pela junção do grupo da marinha e do grupo civil.—(R.)

A companhia José Ricardo no Apolo

O ponto de reunião predilecto do publico de Lisboa, está sendo o teatro Apolo, aonde pode admirar-se a esplendida companhia José Ricardo. A representação da deliciosa peça «Os Fidalgos da Casa Mourisca», extraida por Carlos Borges, do encantador romance com o mesmo titulo, de Julio Diniz, constitui um exito deveras notavel, tanto mais que o primoroso conjunto do seu desempenho, em que brilhantemente se salientam Eduardo Brazão, José Ricardo, Maria Matos e Ilda Stichini.

Para a recita desta noite estão tomados muitos camarotes, frizas e logares de plateia, pelas principais familias da nossa sociedade, o que deixa prever uma nova e colossal enchente.

A fim de facilitar a acquisição de bilhetes, a empreza resolveu abrir uma marcação antecipada, para toda a semana.

- DI-LO TODA A GENTE -
QUE SÃO OS FABRICANTES
DONAS DA COVILHÃ
QUE MAIS BARATO VENDEM, DIRECTAMENTE AO PUBLICO, AS MELHORES E MAIS BONITAS FAZENDAS DE LÃ PARA
FATOS E VESTIDOS
DEPOSITO DE VENDAS A RETALHO
Em Lisboa - R. dos Fanqueiros, 187-2.°
No Porto - R. Fernandes Tomás, 392-A

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

NA CADEIA DO LIMOEIRO

GREVE

DA FOME

FEITA POR UM PORTUGUÊS

Do sr. Daniel José da Costa Leão, que se encontra preso na cadeia do Limoeiro, recebemos a seguinte carta, que merece ser lida pelas nossas autoridades judiciais:

Sr. redactor: — Venho junto de v. rogar-lhe a subida fineza de tornar publico por intermedio do seu conceituado jornal o seguinte:

Sendo ha meses vitima da mais injusta e inqualificavel iniquidade, na interpretação da lei, por parte do sr. ministro da Justiça, que para agradar aos meus endinheirados inimigos, chegou ao cumulo de desprezar e mandar declarar sem efeito os pedidos de remoção que as autoridades da comarca a que pertenço e por onde exclusivamente estou processado têm feito as autoridades respectivas.

Perante tal atitude, vejo-me forçado a entrar no caminho da rebeldia, declarando desde já, que iniciei hoje — *A Greve da Fome* — como protesto a tal infamia, tencionando apenas desistir do meu justissimo intento, quando — a Justiça porque clamo — e a que tenho incontestavel direito me seja feita.

Em caso contrario, isto é, não me sendo dado o destino previsto nas leis vigentes, irei, até ao fim que viso, que é *Justiça ou Morte*, na certeza de que desde já indico como unico responsavel de tudo que de grave se venha a passar, o ex.mo sr. ministro da Justiça.

Sem outro assunto, permita-me senhor redactor que antecipadamente lhe agradeça o bom acolhimento desta, e me subscreva com a maxima consideração. — De v. etc. *Daniel José da Costa Leão* — Limoeiro, 26 de Fevereiro de 1923.

Conferencia

«A Residencia dos Estudantes»

A revista «Contemporanea» que está empenhada em instalar a «Universidade Nova», organizou uma serie de conferencias de propaganda desta instituição.

A primeira dessa serie realiza-a na Faculdade de Sciencias o professor sr. A. Simões Raposo, que falará sobre «A Residencia dos Estudantes».

Esta conferencia, que estava marcada para sabado, foi transferida para a proxima sexta-feira, 6, pelas 21 horas, porque o sr. presidente da Republica manifestou desejos de assistir a ela e não o poderia fazer naquele dia.

A questão de Macau

Parece que não vai, por emquanto, para Macau, tratar da questão diplomatica com a China, o sr. João Bianchi, ministro plenipotenciario.

CAMBIOS

Dia 2

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 18|64	2 10|64
» 90 d. v.	2 4|32	—
Paris	1 409	1$430
Berlim	3|4	1 1|2
Holanda	9$166	9$298
Espanha	$613	3$665
Bélgica	1$217	1$255
Italia	1$114	1$130
Suiça	4 343	4$406
Suecia	6$151	6$240
Noruega	4$233	4$356
Dinamarca	4$460	4$590
Nova-York	23$153	23 486
Brasil	2$610	2$647
Rio Londres	5 3|4	—
Libra esterlina	1103000	115 000
Agio do ouro	2300 %	2450 %

Doenças da boca e dos maxilares

Extracção de dentes e raizes

com anestesia — Dentes artificiais

Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no

Consultorio do Dr. Ferreira Pires

R. Jardim do Regedor, 51, 1.º

A NOITE SANGRENTA

Benjamim Pereira

declara

que não cometeu nenhum acto que manche a sua farda

Continuou hoje em Santa Clara o julgamento dos tripulantes da «camionete-fantasma». Menos interesse que ontem.

Assistencia de soldados e de marinheiros.

A audiencia abre ao meio-dia e 40.

Por faltar o sr. dr. Gonçalves Cota, foi substituido pelo sr. Tavares da Silva, na defeza do guarda-marinha Benjamim Pereira. A contestação deste oficial afirma que ele procedeu sem intenção criminosa e sem culpa.

O sr. Tavares da Silva apresenta tambem a contestação do «Dente de Ouro».

Afirma que o reu praticou os actos de que é acusado, excepto as mortes, alegando que, no momento de praticar esses actos, não estava no uso das suas faculdades mentais.

Com referencia ao aprendiz de corneteiro da G. N. R., Mario de Sousa, acusado de ter espetado o sabre no corpo de Antonio Grajo, afirma que ele, durante os acontecimentos do Arsenal, tambem estava fora de si, atenuante prevista no Codigo.

O sr. dr. Orlando Marçal, advogado dos reus Manuel José Carlos, Manuel Coutinho, Timoteo Rodrigues e Manuel Aprigio da Silva, contesta a competencia do tribunal, tal como está constituido, para julgar esta causa, com varios fundamentos, entre os quais as circunstancias de: determinar a lei que, havendo varios arguidos do mesmo crime, haja um só processo para todos, sejam quais forem as suas patentes; mandar a mesma lei que, podendo os co-reus ser julgados, o deverão ser simultaneamente, perante o mesmo tribunal; não terem sido admitidas as testemunhas major Arez, capitães Camilo de Oliveira e Sousa Guerra e tenente Mergulhão, que eram co-reus neste processo e que portanto deviam ser julgados conjuntamente com os tripulantes da «camionette».

Sobre o reu Manuel da Costa Coutinho, alega os seus serviços á Patria e á Republica.

O alferes Jaime Brasil, defensor do «chauffeur» Rogerio Augusto da Silva e do cabo Palmela Arrebenta, e o tenente Lorena, defensor do 1.º marinheiro José Maria Felix, solidarizam-se com o sr. dr. Orlando Marçal, considerando o tribunal incompetente para julgar esta causa, requerendo o primeiro que seja adiado o julgamento e reconduzido, para ele, o mesmo juri que julgou e absolveu os oficiais implicados no processo.

O promotor sr. Carmona declara, a proposito do incidente levantado pelo sr. dr. Orlando Marçal, que já apresentou termo de agravo sobre a incompetencia do tribunal. A'cerca dos srs. Sousa Guerra e Camilo de Oliveira, entende que eles devem depor neste processo como testemunhas.

* * *

O juiz auditor sr. dr. Ribeiro Castanho aduz varias razões tendentes a demontrar que o tribunal não é incompetente para o julgamento dos acusados, visto que os outros arguidos que fôram absolvidos, tiveram incriminação diferente, não podendo, portanto, serem julgados em conjunto. Entende, por isso, que deve ser dada como improcedente a alegação da defeza, continuando por isso o julgamento.

O presidente, general Camacho, julga improcedente a excepção de incompetencia alegada pela defeza e determina que o julgamento prosiga.

O sr. dr. Orlando Marçal intrepõe recurso para o Supremo Tribunal Militar.

* * *

São mandados retirar da sala todos os reus, á excepção do guarda-marinha Benjamim Pereira.

O juiz lê o libelo, onde é acusado de ter tomado parte directa na morte de Antonio Granjo, tendo-o conduzido para esse fim de sua casa.

Benjamim Pereira nega que tenha praticado qualquer acto que manche a sua farda.

Conta como lhe foi entregue, pelo capitão Sousa Guerra, o cabo que pedia ordem para ir matar Antonio Granjo.

Diz que, se não tivesse ido buscar o presidente do ministerio, se sentiria reu dum crime sem perdão.

O acusado, bastante comovido, pouco a pouco, vai serenando.

—Pedi uma *camionette*. Os marujos que me acompanhavam, da fragata *D. Fernando*, deram-me a sua palavra de honra de que não tocariam em ninguem.

Conta o que se passou em casa de Cunha Leal.

—Ofereci-me para lá ficar, com a minha força, guardando a casa. O sr. Cunha Leal entendeu que talvez fôsse melhor levar o dr. Granjo para bordo do *Vasco da Gama*.

Descreve a scena do Terreiro do Paço.

—O sr. major Arez disse-me:

—«Siga para o Arsenal, que eu mando protegê-lo.»

No Arsenal, Antonio Granjo declarou que estava muito grato pela minha atitude. Quiz ir acompanhá-lo a bordo.

Não me deixaram ir sosinho com ele.

A certa altura, viu-se separado do dr. Granjo. Convenceu-se de que Francisco Luís Ramos o tivesse levado para bordo. Disse-o a Cunha Leal.

Fomos para bordo. Como ele não estava ali, Gunha Leal pediu-me para vir a terra. Falei com o dr. Antonio Granjo, e quando fui tratar de vêr se o removia para bordo, disseram-me que tinham ferido a tiro Cunha Leal... Socorri-o... Preguntou por Antonio Granjo. Disseram-lhe que ele estava com varios oficiais. Sossegou e pediu-me para ir a sua casa...

Não conseguiram o seu proposito.

—Quando iamos a sair, uma multidão de civis e soldados da guarda invadiu o Arsenal. Vêm o sr. Agatão Lança, Jacinto Simões, Augusto Gomes. Estavamos no largo do Municipio. Muitos soldados saíram em tropel do Arsenal. — «O que foi?» — «Mataram Antonio Granjo». Eu que até ali sempre tinha mantido a minha serenidade, perdi-a nessa ocasião...

—Presta homenagem a Cunha Leal e diz que, se os mortos pudessem ressuscitar, Antonio Granjo seria o primeiro a vir mostrar ao tribunal a sua inocencia.

* * *

O juiz auditor interroga o acusado sobre a scena com o cabo que queria a ordem escrita para matar Antonio Granjo.

O guarda-marinha Benjamim Pereira declara ter sido por sua iniciativa, e com a concordancia do sr. major Arez, que foi buscar o dr. Granjo, para o salvar.

O juiz auditor:

—As praças que iam na «camionette» eram do seu navio? Como se explica que lá estivesse o «Dente de Ouro»?

—Provavelmente imiscuiu-se... Em todo o caso, nunca o vi fazer ou dizer nada que indicasse qualquer proposito criminoso...

* * *

O promotor, o sr. dr. Orlando Marçal, e os jurados, srs. Freitas Ribeiro e tenentes Lima Freitas e Zilhão, fazem varias preguntas a Benjamim Pereira, que responde sempre com serenidade.

A's três e quarto é interrompida a audiencia.

UMA CARREIRA FLUVIAL

De Lisboa a Cacilhas

A Camara Municipal de Almada, em nome do povo daquela localidade, telegrafou ao sr. ministro da Marinha, pedindo-lhe que um vapor do arsenal faça uma carreira diaria de Lisboa para Cacilhas da 1 para as 2 da madrugada.

A TARDE PARLAMENTAR

A HORA

QUE PASSA

É DE PROFUNDA GRAVIDADE

O sr. dr. Cancela de Abreu voltou hoje com a questão do jogo á baila, pondo o seu criterio, que é pelo cumprimento da lei. Caso, porém, a lei não possa ser cumprida, que se evite com um mal menor um mal maior, procedendo-se á regulamentação. Ha na sala quem concorde e quem discorde; o sr. Sá Pereira acusa o governo de não ter cumprido o seu dever; e o orador passa adiante, dizendo da tremenda situação criada pela carestia da vida que está tomando proporções de todo o ponto incomportaveis.

Respondeu o sr. ministro da Justiça, para os seus botões, não chegando a perceber-se coisa alguma de positivo ácêrca das medidas que o sr. Abranches Ferrão tenciona odoptar. Pelo menos, aqui na imprensa, ficou toda a gente em branco.

* * *

O sr. dr. Lopes Cardoso, depois, a tratar ainda do incidente ocorrido em Bragança, com a Junta Geral do Distrito. Entende, contra o que o sr. Julio de Abreu afirmou ontem, que o governador civil não tinha que intrometer-se nas atribuições da Jnnta, e protesta energicamente contra o facto, afirmando que ele representa uma invasão de atribuições absolutamente contraria á boa ordem dos serviços e uma prova de pequenez politica incompativel com a gravidade da hora que passa. Uma frase:

—O momento que atravessamos é duma gravidade profunda, que nos impõe a todos, como dever sagrado, a obrigação de trabalhar a serio na reconstituição economica, financeira e moral do país relegando para secundarissimo plano questiunculas mesquinhas desta ordem. Não ha interesses partidarios que mereçam o sacrificio das altas conveniencias da nação.

O sr. Carvalho da Silva, aproveitando o ensejo, contou tambem que alguns regedores na Regoa se teem recusado a passar atestados de residencia para fins eleitorais. Acha — e muito bem — que o caso representa uma grande pouca vergonha, com o que o sr. ministro da Justiça concorda prometendo providencias para quando lhe chegar a oportunidade de proceder.

* * *

O sr. Afonso de Melo, entrando na ordem do dia, concluiu as suas considerações, ontem iniciadas, acêrca do orçamento, preconisando uma compressão mais rigorosa das despezas publicas e a revisão das receitas, de maneira a tornar mais eficazes os reditos do Estado.

Pão que o Diabo amassou...

Vieram a esta redacção mostrar-nos um pão de segunda, do chamado pão de familia, côr de barro, com pedaços negros, comprado numa padaria da rua de S. João da Praça.

Não poderia haver um pouco mais de cuidado no fabrico e na qualidade do pão, de molde a não amargurar ainda mais a vida dos que não podem comprar pão de primeira?

Clinica de doenças nervosas na Marinha

O distinto especialista de doenças nervosas e mentais, capitão-tenente sr. Antonio Augusto Fernandes, director da clinica especial dessas doenças no Hospital da Marinha, vai propôr que a referida clinica seja dotada de novos aparelhos e outros acessorios destinados ao tratamento dessas doenças.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74